

Kathleen

**FREWEN**

& Hinematau Mcneil

**KATHLEEN FREWEN**

ORCID: 0000-0002-5835-9580

*kathleen.frewen@aut.ac.nz*

A pesquisa e o ensino de Kathleen na academia são conduzidos por kaupapa Māori, simultaneamente entrelaçados com as sementes de sua origem rural de base.

Kathleen's research and teaching within the academy are kaupapa Māori driven, simultaneously interwoven with the seeds from her grass-roots rural background.

**HINEMATAU MCNEILL**

ORCID: 0000-0003-2604-7715

*hinematau.mcneill@aut.ac.nz*

Hinematau está ativamente envolvida nas comunidades Māori, o que informa sua prática de pesquisa. Recentemente, seu interesse pela pesquisa orientada para a prática artística revigorou seu trabalho de pós-graduação. Ela acredita que quando o conhecimento indígena é verdadeiramente valorizado, não é apenas uma força descolonizadora, mas pode enriquecer nossa experiência coletiva de vida.

Hinematau is actively involved in Māori communities, which informs her research practice. Recently, her interest in artistic practice-led research has invigorated her post-graduate work. She believes that when indigenous knowledge is truly valued, it is not only a decolonising force, but can enrich our collective lived experience.

**COMO CITAR****HOW TO QUOTE (APA):**

Frewen, K. & McNeill, H. (2023). Urupā Tautaiāo: Young Māori explore ancient burial practices towards sustainable approaches. *DAT Journal*, 8(1), 450-480. <https://doi.org/10.29147/datjournal.10.29147/datjournal.v8i1.702>

# Urupā Tautaiāo: Jovens Māori exploram antigas práticas funerárias em direção a sustentabilidade

Marcos Steagall  
[Tradução]

**Resumo** A virada para epistemologias indígenas é uma das mudanças mais emocionantes e revolucionárias que aconteceram na universidade nas últimas três décadas e está acelerando sua influência em Aotearoa, Nova Zelândia. Traz consigo novas formas dinâmicas de pensar sobre a pesquisa e novas metodologias para conduzi-la, uma maior conscientização sobre os diferentes tipos de conhecimento que a prática indígena pode transmitir e um corpo esclarecedor de informações sobre o processo criativo. A prática indígena fornece acesso a outras formas de conhecimento e abordagens alternativas para conduzir e apresentar o conhecimento. Este artigo discute um projeto Māori neste contexto, que visa desafiar os indígenas a (re)avaliar as práticas ambientalmente prejudiciais pós-coloniais no espaço da morte. O projeto explora o conceito de atitudes rangatahi (jovens Māori) para revitalizar as antigas práticas de morte Māori para informar o desenvolvimento da intervenção de design destinada a desafiar as práticas coloniais mortuárias. Como tal, faz parte de uma pesquisa maior apoiada pelo Marsden Fund da Royal Society of New Zealand. O resultado do projeto inclui o design de um moderno local de comemoração de urupā tautaiāo (enterro natural), aplicando tecnologia como plataformas tribais de mídia social sobre a morte e mapeamento GPS de wāhi tapu (locais sagrados). A morte é altamente tapu (sagrado) para Māori e requer observação rigorosa de rituais para garantir a segurança espiritual. A revitalização dos saberes tribais não é prerrogativa apenas dos mais velhos, as vozes dos jovens indígenas devem ser ouvidas porque são o futuro, do planeta e das pessoas. Este projeto contribui para a compreensão de pesquisas que navegam por fronteiras filosóficas, intergeracionais, territoriais e comunitárias, evidenciando teorias e metodologias que informam os estudos culturais e a prática criativa.

## Palavras-chave

Conhecimento Māori;  
Sustentabilidade Indígena;  
Rangatahi (juventude),  
Urupā tautaiāo (sepulturas verdes),  
Tapu (sagrado).

## Introdução

Em 2017, Guntarik e Linda Daley escreveram:

Por meio de suas práticas criativas, os praticantes indígenas mapeiam as trajetórias históricas de sua sobrevivência no mundo moderno, quebrando as linhas entre convenção e criatividade ao derrubar normas de pesquisa e enquadrar o conhecimento em formas que expressam as sociedades tão relevantes para a inovação sustentável. (p.409)

A emergência de um discurso acadêmico chamado conhecimento indígena internacionalmente apresenta desafios extraordinários e uma miríade de possibilidades quando associada à pesquisa guiada pela prática. A pesquisa da prática criativa indígena enriqueceu e mudou as fronteiras conceituais sobre como a pesquisa é conduzida na academia ocidental. Este artigo apresenta um projeto tribal Māori que propõe uma prática decolonial de sepultamento que seja sustentável e contribua para a preservação dos ambientes.

O movimento global de “enterros verdes” está ganhando força (Boret, 2014; Chiapelli & Chiapelli, 2008; Keijzer, 2017; Stowe et al., 2001). O objetivo do movimento “enterro verde” é reduzir os impactos ambientais negativos de materiais naturais ou biodegradáveis. Também é oportuno que os Māori avaliem e contestem práticas ambientalmente insustentáveis. Isso inclui aspectos do tangihanga (funerais Māori) que incorporam costumes europeus nocivos de morte e sepultamento, como o embalsamamento químico. Capacitar os jovens Māori para entender seu papel como kaitiaki (guardiões) de te taiao (o meio ambiente) beneficia a si mesmos, suas comunidades e o meio ambiente. Como os rangatahi Māori são o futuro, essa pesquisa interna garante que a voz da juventude indígena seja fundamental para o projeto. Portanto, espaços onde os jovens estão na vanguarda, como o movimento ambiental contemporâneo e o engajamento digital, são explorados em relação ao desenvolvimento de urupā tautaiāo (enterro verde).

O artigo está estruturado em três sessões:

- Revisão Contextual do Conhecimento
- Metodologia
- Conclusão.

A primeira sessão: “Revisão Contextual do Conhecimento” investiga o campo de conhecimento situando o projeto do pesquisador, expandindo em contextos. A segunda sessão: “Metodologia” abrange o desenvolvimento do projeto.

## Revisão Contextual do Conhecimento

A revisão contextual do conhecimento explora e investiga vários contextos de conhecimento que situam e informam este projeto num campo de conhecimento mais amplo. Em resposta às práticas de sepultamento verde, discute as Mudanças Climáticas, o conceito Maori de tutela ambiental de Kaitiakitanga, Digitalização e Morte e Conhecimento Tribal.

### Alterações Climáticas

As sociedades industrializadas dominantes, cujas atividades nos últimos 200 anos causaram a maioria dos impactos climáticos observados atualmente, são resultado de organizações patriarcais e mentalidade colonialista. Os povos indígenas que vivem em suas terras tradicionais têm pouca responsabilidade pelas consequências projetadas atuais e futuras de uma mudança climática. Apesar disso, eles provavelmente sofrerão mais com as mudanças climáticas diretas e indiretas devido à sua estreita conexão com o mundo natural e sua reduzida resiliência socioecológica – consequência de séculos de políticas opressivas impostas a eles por sociedades não indígenas dominantes. O reconhecimento do valor das observações ambientais dos povos indígenas está aumentando gradualmente na literatura científica ocidental revisada por pares (Green & Raygorodetsky, 2010).

De acordo com Corner et al. (2015, p. 530): “Os jovens não veem necessariamente o que podem fazer em resposta às mudanças climáticas e, quando a autoeficácia percebida é limitada, é provável que o envolvimento pessoal com as mudanças climáticas seja menor” (Corner et al. , 2015, p.530). Em 2018, Greta Thunberg mudou o foco de uma narrativa centrada no adulto sobre a mudança climática, exigindo que as vozes dos jovens fossem ouvidas. O protesto de mudança climática liderado por jovens em 2019 resultou nas greves climáticas, onde os estudantes responderam globalmente juntando-se ao protesto durante o horário escolar. Essas iniciativas demonstraram envolvimento com a mudança climática e liderança juvenil, habilidades de organização, análise política competente e utilização inovadora de tecnologias (Ritchie, 2021; Mersinoglu, 2020).

No entanto, já em 2011 houve um apelo à liderança e ao ativismo juvenil, validando sua consciência de “...eles mesmos como criadores de história e agentes de mudança social” (Taft, 2011, p.68). Geralmente, há uma forte contra-narrativa ao mito de que os jovens são desengajados quando o assunto é meio ambiente. (O’Brien et al., 2018; Phillips et al., 2019; Ritchie, 2021). Recentemente, jovens ativistas de Aotearoa enviaram com sucesso delegações para fazer campanha nas reuniões das Nações Unidas e influenciaram a legislação interpartidária comprometendo a nação a reduzir suas emissões de carbono (Coatham, 2019; Ritchie, 2021).

Embora haja muito a comemorar sobre o engajamento dos jovens, há uma crescente preocupação com a invisibilidade dos jovens indígenas no movimento de mudança climática (Niall, 2020; O'Brien et al., 2018; Ritchie, 2021; Tahana 2019). De acordo com Ritchie (2021) “... os jovens Māori e os habitantes das ilhas do Pacífico estiveram recentemente na vanguarda do ativismo climático juvenil internacional, este não é o caso em Aotearoa, Nova Zelândia, ao contrário, eles não foram suficientemente representados” (p.64). Na verdade, há críticas crescentes sobre a ausência de indigeneidade no movimento ambiental juvenil em geral.

Kaeden Watts, um líder sênior do Te Ara Whatu, está particularmente frustrado com o jovem movimento ambiental; “eles estão tentando ser melhores... Mas em termos de quem está liderando esse grupo, é Pākehā - não Māori, não Pasifika, não as pessoas que estão sendo mais impactadas, cujos urupā estão sendo engolidos, cujos rios estão sendo poluídos por altas agricultura de intensidade. Quem está vendo os efeitos piores não está conseguindo liderar a discussão ”(McKenzie, 2020). A questão do ativismo das mudanças climáticas como uma estratégia de sobrevivência é para os povos indígenas se tornarem centrais na discussão ambiental (Sutherland & Lal, 2020).

No entanto, o ativismo climático jovem levou a uma agenda mais ampla do movimento de sustentabilidade ambiental. O ativismo climático inspirou esta pesquisa sobre urupā tautaiāo. Os impactos da crise climática expuseram que muitos países, incluindo a Nova Zelândia, enfrentam grande pressão sobre o uso da terra, expondo a diminuição das áreas disponíveis para enterros (Auckland City Council, 2019; McManus, 2015). Como a terra é usada mesmo na morte tem um grande impacto na mitigação das mudanças climáticas e a sustentabilidade ambiental é um desafio global (Basmajian, & Coutts, 2010; Biegelsen, 2012). de terra suficiente para receber todos aqueles que desejam ser enterrados dentro de seu urupā ancestral” (Milroy, 2014, p.1).

### Kaitiakitanga, tutela ambiental

Winter (2019) sustenta que as abordagens e teorias ocidentais para o engajamento da sustentabilidade ambiental são estruturadas dentro de um sentido de tempo linear assumido que perpetua o projeto colonial (p. 290). Justaposta, a abordagem maori exige kaitiakitanga, que carrega um dever absoluto de cuidar do meio ambiente concebido em whakapapa (genealogia). (Harmsworth & Awatere, 2013; Henry & Pene, 2001; Kawharu, 2000; McNeill, 2017; Walker, 2004;).

Os ātua (deuses são os progenitores de toda a vida. Ranginui (pai do Céu) e Papatūānuku (mãe da Terra) são os ancestrais primordiais e nós, Māori, somos seus descendentes. Essa relação whakapapa (parentesco) define os parâmetros da interação entre as pessoas e o mundo natural. Como tal, os Māori são descendentes dos deuses e kaitiakitanga reforça essa re-

lação genealógica. Isso leva a uma sensação de bem-estar e conexão com a natureza. (Walker et al., 2019). A essência de kaitiakitanga é capturada no whakatauki (provérbio) “Ko au ko te taiao, ko te taiao ko au: eu sou o ambiente, e o ambiente sou eu” (Rangiwai, 2018, p.638).

Selby et al. (2010) criticam a falta de atenção ao wairuatanga (espiritualidade) nos fóruns ambientais. Para Māori, e especialmente em questões associadas à morte, que é considerada altamente tapu (sagrado), wairuatanga é crucial para manter a segurança cultural. Walker et al. (2019) sustentam que wairuatanga e kaitiakitanga são essenciais para manter mauri (força vital). Mauri na morte é referido como mauri mate. Rereata Makiha afirma que “... ele (mauri) só pode ser ativado em conexão com o meio ambiente” (Te Wai Māori, 2020). Os imperativos tradicionais do estudo são críticos para revitalizar tradições antigas, como urupā tautaiāo. Globalmente, novas inovações estão sendo desenvolvidas para facilitar os enterros naturais, como as cápsulas funerárias de design italiano (Bretzel & Citelli 2018; Rashmi et al., 2015).

## Digitalização e morte

Internacionalmente, jovens adeptos da gestão de plataformas de internet têm criado espaços predominantemente de aplicativos de mídia social para comemorar os mortos (Coombes, 2014; Nansen et al., 2021). Os indígenas tomarão decisões sobre novas tecnologias que sejam culturalmente compatíveis e aprimorem nossa relação com o meio ambiente. De acordo com Keegan e Sciascia (2018), a interação Māori nas mídias sociais está mudando o cenário digital. Neste momento, nossos rangatahi estão liderando o desenvolvimento e a navegação em novas ferramentas de comunicação online. O desenvolvimento de um cemitério natural de urupā tautaiāo, reformando sepulturas de saída em um urupā tribal, mostra os jovens usando as redes sociais.

Tradicionalmente, os Māori favorecem a interação social kanohi ki te kanohi (cara a cara). No entanto, embora a tecnologia tenha sido principalmente uma prerrogativa da juventude, houve uma absorção notável de pākeke (geração mais velha) usando a mídia social. A forma como os jovens não indígenas usam as plataformas para comemorar seus mortos é significativa. Essas plataformas fornecem um espaço para os jovens criarem flores e textos virtuais, reagirem, compartilharem e, de várias maneiras, gestos de apoio e lembrança (Nansen et al. 2021). Esses sites são culturalmente apropriados para pessoas não indígenas porque oferecem suporte em tempos difíceis.



Para Māori, a proliferação de sites tribais, sites de redes sociais e plataformas online é indicativo da popularidade da tecnologia digital. De acordo com Keegan e Sciascia (2018), rangatahi e kaumatua (anciãos) interagindo em plataformas interativas de mídia social, é reflexo de um engajamento social de parentesco Māori mais amplo. Essa interação intergeracional contrasta com as plataformas on-line de redes sociais não indígenas, que geralmente são comandadas pelos jovens. Indiscutivelmente, os modelos não indígenas enquadram as relações intergeracionais como antagônicas e competitivas (Nairn, et al., 2021; Stewart-Harawira, 2005).

Por outro lado, Keegan e Sciascia (2018) sustentam que a interatividade online Māori kaumatua e rangatahi mostra que mesmo no mundo moderno as relações intergeracionais são valorizadas. As mídias sociais tribais tangihanga (funerais tradicionais) são intergeracionais. Eles informam a tribo sobre a morte de um membro, detalhes de tangihanga, bem como outras mensagens de condolências relacionadas à morte e notificações de hora kōhatu (revelações).

### Conhecimento tribal

Para os indígenas, iniciar as relações especiais entre os jovens é uma garantia cultural. MacKay et al. (2020) relatou os anciãos que defendem a transmissão de conhecimentos tribais antigos como um veículo para descolonizar mentes jovens. “...a aprendizagem dos mais jovens como renovação do que foi retirado pela colonização, alimentando o crescente sentido de ligação à comunidade e conhecimento daquela terra” (p.7). As descobertas da pesquisa até o momento evidenciam claramente o interesse rangatahi em crenças e costumes passados para progredir urupā tautaiāo. Surpreendentemente, a maioria já estava ciente dos costumes de sepultamento e morte pré-europeia e de contato precoce. A amplitude de conhecimento que o rangatahi entrevistado possuía foi um resultado imprevisto.

Isso contrasta diretamente com a suposição que a apresentação de McNeill (2022a) LINK observa como a suposição “... que com a separação e remoção da terra também foram os conhecimentos e práticas tecidas dentro e sobre os territórios tribais pré-contato”. McNeill et al. (2022b), McNeill(2022a) e os resultados deste projeto de pesquisa identificam que o antigo conhecimento tribal Māori em torno das práticas de morte perdeu, embora fragmentado. Permaneceu adormecido e escondido dentro dos próprios membros tribais intergeracionais.



É evidente a partir da literatura e entrevistas de pesquisa que as práticas māori de morte e sepultamento eram variadas (McNeill, 2022a; McNeill et al. 2022b; Sullivan, 2013; Voykovic, 1981). A decomposição acelerada foi alcançada colocando o tupāpāku (cadáver) em “Plataformas protegidas elevadas dentro de cavernas, pântanos, sepulturas rasas e sepulturas de areia eram todos ambientes temporários” (Voykovic, 1981, p. 61). A apresentação de McNeill (2022a) destaca as diferentes utilizações das árvores nas antigas práticas de morte. Particularmente referenciando Taketakerau, como visto na Figura 1. Onde Ūpokorehe (subtribo da tribo maior Whakatōhea) kōiwi (ossos) foram colocados antes e no início do contato dentro da base oca da própria árvore.



**Figura 1.** Árvore funerária tradicional Taketakerau usada no contato pré e inicial para enterrar os mortos de Ūpokorehe hapū da tribo Whakatōhea. © Marcos Mortensen Steagall (2022), usado com permissão.



Sullivan (2013) descreve a prática em que o cadáver seria pendurado em uma árvore, “permitindo que os tecidos moles caíssem no chão devido à gravidade (p.70). As descobertas de McNeill (2022a) também demonstram uma prática semelhante sendo empregada por Ngāti Moko. Onde o cadáver foi suspenso dentro de árvores específicas até que a carne caísse. No entanto, suas descobertas revelaram ainda que, após esse processo, os ossos seriam enterrados em espaços sagrados secretos, como cavernas.

Rangatahi também se envolveu ativamente no desenvolvimento do desenvolvimento revitalizado do urupā (cemitério). O urupā não é um produto<sup>1</sup> de pesquisa direto para este estudo, sua atividade de mídia social acima mencionada e a Figura 2 evidenciam seu alto nível de engajamento.



**Figura 2.** Abelha de trabalho de desenvolvimento do local de Urupā tautāiaio. Rangatahi (jovem) trabalhando para estabelecer um sítio urupā tauāiaio em um cemitério tribal tradicional. © H. McNeill, usado com permissão (2022).

O que foi realmente interessante nas entrevistas dos rangatahi foi a aceitação de práticas ancestrais costumeiras que a maioria consideraria conflituosas. Sem exceção, os dez rangatahi entrevistados para este projeto, enquanto uma pequena amostra, todos abraçaram o conceito de urupā tautāiaio.

## Projeto de Pesquisa

Metodologicamente, uma estrutura Kaupapa Māori (KM) baseia-se em uma compreensão profunda de te ao Māori (mundo Māori) e tikanga (práticas culturais) Māori que abrange todos os aspectos do projeto de pesquisa (Smith, 2021). Entrevistas qualitativas em profundidade foram realizadas com rangatahi (jovens) com idades entre 17 e 24 anos de comunidades urbanas e rurais. Sob o mandato de KM, este estudo também aplica métodos de pesquisa qualitativa (De Clerck, et al., 2011; Hancock, 1998; Hancock et al., 2001). As entrevistas qualitativas estão sujeitas a protocolos Māori, incluindo karakia e hospitalidade. A recolha e análise das entrevistas estão sujeitas a técnicas qualitativas, como a análise temática (Attride-Stirling, 2001; Braun & Clarke, 2006), para facilitar o processamento das respostas das entrevistas.

Trata-se de um estudo atitudinal: “As atitudes derivam da sociedade e são reelaboradas pelos indivíduos como parte integrante de suas experiências e em função de sua correspondência com as representações sociais existentes” (Himmelweit & Gaskell, 1990 p.41). O foco nas atitudes rangatahi é uma estratégia deliberada para garantir que suas vozes e preocupações com o meio ambiente sejam ouvidas. Eles demonstraram que suas atitudes não são meramente teóricas, mas traduzidas em ação. Evidenciado por seu envolvimento, ativismo ambiental e contribuição prática para o projeto urupā tautāiaio.

Metodologicamente, a triangulação enquadrada em uma estrutura Kaupapa Māori (KM) abrange todos os aspectos do projeto de pesquisa (Smith, 2021). Este paradigma se baseia em uma compreensão profunda de te ao Māori (mundo Māori) e tikanga Māori (protocolos culturais). A metodologia KM é sustentada por princípios e dimensões que são parte integrante deste estudo: Esses princípios e, em particular, karakia, são elementos críticos por causa do tapu (sagrado) associado à morte. Karakia fornece segurança cultural.

1. karakia (encantamentos apropriados).
2. mihi (agradecimentos) como base do respeito mútuo
3. tino rangatiratanga. Māori liderando a pesquisa
4. kano ki te kano (envolvimento cara a cara como o método preferido de engajamento)
5. whanaungatanga (construção de relacionamento)
6. manaakitanga (hospitalidade)

## Entrevistas Qualitativas

Como rangatahi wahine Māori (jovem mulher Māori), esta pesquisa privilegiada, capitalizou em redes pessoais para recrutar participantes de pesquisa. Dez participantes foram recrutados no total. O perfil inclui uma mistura de rangatahi Māori intertribal, rural e urbano com idades entre 17 e 24 anos. O processo foi aprovado pela AUTEK e o processo de entrevista em conformidade com todos os protocolos de ética. Isso incluiu consentir em ser identificado nas publicações. As entrevistas foram todas kanohi ki te kanohi (cara a cara) e realizadas dentro dos 60 minutos programados.

Todos os participantes responderam a quatro perguntas abertas e puderam acrescentar quaisquer comentários adicionais no final da entrevista.

**1. He aha au whakaaro e pā ana ki te oranga hekenga iho o Papatūānuku?**

O que você acha do declínio do bem-estar de Papatūānuku?

**2. Ko ngā urupā o neherā he urupā tautaiāo te katoa. I tēnei wā, me pēhea rā te whakahokinga mai o ērā mahi tupāpāku?**

Nos tempos antigos, as práticas e espaços funerários eram ambientalmente sustentáveis. Podemos adaptar práticas antigas para a vida moderna?

**3. Mehemea ka tautokonigia e koe tēnei kaupapa, he aha pērā ai ngā tūmomo mahi i o tātau marae, hāpori rā nei?**

Se você concorda com o conceito urupā tautaiāo. Que ideias você tem sobre o desenvolvimento de urupā tautaiāo em nossas comunidades?

**4. Nui hoki te utu o ngā tangihanga ne? Iti iho rā te utu o te urupā tautaiāo?**

Você concorda que tangihanga são caros? O que você acha que urupā tautaiāo pode oferecer em termos de acessibilidade?

**5. He kōrero anō au?**

Existe mais alguma coisa que você deseja adicionar?

Uma transcrição completa das gravações de vídeo e/ou gravação de áudio das entrevistas será transcrita manualmente. As descobertas a seguir são um instantâneo das discussões que capturam suas atitudes em relação à degradação do meio ambiente. O desenvolvimento de urupā tautaiāo é um aspecto de uma agenda mais ampla para promover kaitiakitanga.

## Bem estar e meio ambiente

As conclusões das entrevistas contradizem o mito de que os jovens são desengajados quando se trata do meio ambiente (Phillips et al., 2019; Ritchie, 2021). Sem exceção, todos os participantes comentaram sobre a degradação do meio ambiente. Em relação às práticas funerárias convencionais, o consenso era que, se as práticas convencionais de tangihanga fossem prejudiciais ao meio ambiente, elas deveriam ser alteradas.

O bem-estar de Papatūānuku está diminuindo, são todos os vapores, os novos produtos químicos, as coisas mais modernas. **Maia Hood**

É preciso lembrar que o escopo mais amplo de Papatūānuku não é apenas a própria terra, é todo o mundo natural. O que acontece é que, ao danificar a terra, estamos prejudicando nosso suprimento de alimentos e a terra em que vivemos. **Kururangi Johnston**

Alguns chegaram a aceitar a responsabilidade pelo desaparecimento, inferindo que precisávamos abordar nosso relacionamento cultural com Papatūānuku:

Nós, como tangata whenua, precisamos cuidar muito melhor do que temos feito. **Braydyn Rangitutia**

É a morte e a forma como atualmente enterramos e lembramos deles está prejudicando Papatūānuku. E nossas atividades humanas gerais infligidas a Papatūānuku. **Maranga Peita**

Outras respostas articularam claramente o dilema de viver em uma sociedade que está prejudicando o meio ambiente. Os insights sobre como navegar em um futuro que leva em consideração nossa pegada ambiental são muito perspicazes.

Está obviamente em declínio, como a obtenção de mais carros e telefones com flash. Como as coisas melhoraram para nós (tangata), as coisas mais importantes pioraram para o whenua. É catraca, mas é o dia e a idade em que vivemos agora. Como kaitiaki Māori/iwi, sabemos que precisamos desses tipos de itens essenciais para sobreviver (por exemplo, energia, água corrente, carros) que ainda afetam o whenua, mas precisamos deles por causa do ambiente em que vivemos. **Piripi Ropitin**

Curiosamente, seria assumido que os participantes das áreas rurais teriam um conhecimento mais aprofundado das crenças e práticas funerárias Māori. A localização não teve nenhum efeito perceptível em seus conhecimentos e experiências. Na verdade, alguns dos comentários mais perspicazes vieram de participantes urbanos. Sem exceção, os participantes do rangatahi expressam profunda preocupação com o abuso de Papatūānuku.

## Conclusão

É evidente a partir da revisão contextual do conhecimento que globalmente os jovens estão engajados e profundamente preocupados com a degradação do meio ambiente. Capacitar os jovens Māori para que entendam seu papel como kaitiaki (guardiões) do te taiao (meio ambiente) beneficia a si mesmos, suas comunidades e o meio ambiente. As descobertas contribuem para um estudo maior financiado pelo Marsden Research Council. Hinematau McNeill é o investigador principal deste projeto. O kaupapa explora a descolonização no espaço da morte é uma oportunidade para os Māori reavaliar e se reconectar com seus antigos costumes e práticas. O nexa entre epistemologia indígena e responsabilidade ambiental informa a revitalização de antigos costumes funerários.

Sem exceção, os participantes rangatahi expressaram profunda preocupação com a degradação de Papatūānuku (mãe Terra) e apoiaram entusiasticamente urupā tautāiao (enterros naturais). Metodologicamente, a epistemologia Māori é a base do paradigma Kaupapa Māori que enquadra todo o projeto. A prática é guiada pela observação das crenças e valores māori tūturu (autênticos). Isso é crítico por causa da natureza tapu (sagrado) da pesquisa. Podemos, portanto, concluir que as perspectivas e designs Maori se concentram em entendimentos pluriversais de uma realidade diferente que desafia o pensamento colonial ocidental unidimensional.

Esta pesquisa urupā tautāiao afirma ser uma atividade descolonizadora que apoia o bem-estar das pessoas e da terra. Apesar do impacto devastador do colonialismo nos modos de vida tribais Māori, muitos dos rangatahi envolvidos na pesquisa compartilharam conhecimento tradicional aprofundado. A aplicação prática desse conhecimento acabará por inspirar as comunidades Māori a se comprometerem com uma agenda mais ampla do movimento de sustentabilidade ambiental.

<sup>1</sup> O desenvolvimento de urupā é um resultado de um projeto de pesquisa mais amplo financiado por Marsden, do qual este estudo sobre as atitudes dos jovens é um componente.

# Urupā Tautaiiao: Young Māori explore ancient burial practices towards sustainable approaches

**Abstract** The turn to indigenous epistemologies is one of the most exciting and revolutionary shifts to happen in the university within the last three decades and is nowadays accelerating in influence in Aotearoa New Zealand. It is bringing with it dynamic new ways of thinking about research and new methodologies for conducting it, a raised awareness of the different kinds of knowledge that indigenous practice can convey and an illuminating body of information about the creative process. Indigenous practice provide access into other ways of knowing, and alternative approaches to conducting and presenting knowledge. This article discusses one Māori project in this context, that is intended to challenge indigenous people to (re) evaluate post-colonial environmentally harmful practices in the death space. The project explores the concept of rangatahi (Māori youth) attitudes to revitalising ancient Māori death practices to inform the development of design intervention aimed to challenge mortuary colonial practices. As such, it is part of a larger research that is supported by Marsden Fund from Royal Society of New Zealand. The project outcome includes the design of modern urupā tautaiiao (natural burial) commemoration site, applying technology such as tribal social media platforms regarding death, and GPS mapping of wāhi tapu (sacred sites). Death is highly tapu (sacred) to Māori and requires strict observations of rituals to ensure spiritual safety. The revitalisation of tribal knowledge is not just the prerogative of the elders, the voices of indigenous youth must be heard as they are the future, of the planet and the people. This project contributes to the understanding of research that navigates across philosophical, inter-generational, territorial and community boundaries, evidencing theories and methodologies that inform to culture studies and creative practice.

## Keywords

Māori Knowledge;  
Indigenous Sustainability;  
Rangatahi (youth),  
Urupā tautaiiao (green burials),  
Tapu (sacred).



## Introduction

In 2017 Guntarik & Linda Daley wrote:

Through their creative practices, Indigenous practitioners map the historical trajectories of their survival in the modern world, fracturing the lines between convention and creativity by overturning research norms and framing knowledge in forms that express the socialities so relevant to sustainable innovation. (p.409)

The emergence of an academic discourse called Indigenous knowledge internationally presents extraordinary challenges and a myriad of possibilities when associated to practice-led research. Indigenous creative practice research has enriched and shifted the conceptual boundaries around how research is conducted in the Western academy. This article presents a Māori tribal project that proposes a burial decolonial practice that is sustainable and contributes to the environments preservation.

The global “green burial” movement is gaining traction (Boret, 2014; Chiapelli & Chiapelli, 2008; Keijzer, 2017; Stowe et al., 2001). The aim of the “green burial” movement is to reduce the negative environmental impacts natural or biodegradable materials. It is also timely for Māori to evaluate and contest practices, that are environmentally unsustainable. This includes aspects of tangihanga (Māori funerals) that incorporate introduced harmful European death and burial customs such as chemical embalming. Empowering Māori youth to understand their role as kaitiaki (custodians) of te taiao (the environment) benefits themselves, their communities, and the environment. Because rangatahi Māori are the future, this insider research ensures that the indigenous youth voice is central to the project. Therefore, spaces where youth are at the forefront such as the contemporary environmental movement and digital engagement are explored in relation to the development of urupā tautaiāo (green burial).

- The article is structured into three sessions:
- Contextual Review of Knowledge
- Methodology
- Critical Commentary

The first session: Review of Contextual Knowledge investigates the field of knowledge situating the researchers project, expanding on contexts. The second chapter: Methodology encompasses the development of the project.

## Contextual Review of Knowledge

The contextual review of knowledge explores and investigates various contexts of knowledge which situate and informed this project in a wider field of knowledge. In response to the green burial practices, it discusses Climate Change, the Maori environmental custodianship concept of Kaitiakitanga, Digitalisation and Death and Tribal Knowledge.

### Climate change

The dominant industrialised societies whose activities in the last 200 years have caused most of the climate impacts currently observed, are a result from patriarchal organisations and colonisation mentality. Indigenous people living on their traditional lands bear little responsibility for current and future projected consequences of a changing climate. Despite this, they are likely to suffer the most from direct and indirect climate change due to their close connection to the natural world and their reduced social-ecological resilience—consequence of centuries of oppressive policies imposed on them by dominant non-Indigenous societies. The acknowledgement of the value of Indigenous peoples' observations of environmental, is gradually increasing in the western scientific peer reviewed literature (Green & Raygorodetsky, 2010).

According to Corner et al. (2015, p. 530): "Young people do not necessarily see what they can do in response to climate change, and when perceived self-efficacy is limited, personal engagement with climate change is likely to be lower" (Corner et al., 2015, p.530). In 2018 Greta Thunberg shifted the focus from an adult centred narrative around climate change demanding youthful voices to be heard. The youth-led climate change protest in 2019 resulted in the climate strikes, where students responded globally by joining protest during school hours. These initiatives demonstrated engagement with climate change and showcased youth leadership, organisation skills, competent political analysis, and innovative utilisation of technologies (Ritchie, 2021; Mersinoglu, 2020).

However, as early as 2011 there was a call for youth leadership and activism validating their awareness of "...themselves as history makers and agents of social change" (Taft, 2011, p.68). Generally, there is a strong counter-narrative to the myth that young people are disengaged when it comes to the environment. (O'Brien et al., 2018; Phillips et al., 2019; Ritchie, 2021). Recently, young Aotearoa activists have successfully sent delegations to campaign at United Nations meetings and have influenced cross-party legislation committing the nation to reducing its carbon emissions (Coatham, 2019; Ritchie, 2021).

While there is much to celebrate about youth engagement there is growing disquiet about the invisibility of indigenous youth within the climate change movement (Niall, 2020; O'Brien et al., 2018; Ritchie, 2021; Tahana 2019). According to Ritchie (2021) "...young Māori and Pacific Islander have recently been at the forefront of international youth climate activism this is not the case in Aotearoa New Zealand, rather they have insufficiently been represented" (p.64). In actuality there is growing criticism about the absence of indigeneity in the youth environmental movement in general.

Kaeden Watts, a senior leader of Te Ara Whatu, is particularly frustrated with the young environmental movement; "they are trying to be better... But in terms of who is leading that group, it's Pākehā - not Māori, not Pasifika, not the people who are being impacted most, whose urupā are being swallowed, whose rivers are being polluted by high-intensity agriculture. The ones who are seeing the effects the worst aren't getting to lead the discussion "(McKenzie, 2020). The issue of climate change activism as a survival strategy is for indigenous people becoming central to environmental discussion (Sutherland & Lal, 2020).

Nevertheless, youth climate activism which has led to a broader environmental sustainability movement agenda. Climate activism inspired this research on urupā tautaiāo. The impacts of the climate crisis have exposed that many countries including New Zealand face major pressure on land use exposing the diminishing available areas for burials (Auckland City Council, 2019; McManus, 2015). How land is used even in death has a major impact on climate change mitigation and environmental sustainability is a global challenge (Basmajian, & Coutts, 2010; Biegelsen, 2012) This problem is exacerbated for Māori "...as the generations increase there is a lack of sufficient land left to receive all of those who wish to be buried within their ancestral urupā" (Milroy, 2014, p.1).

#### Kaitiakitanga, environmental custodianship

Winter (2019) maintains that the western-approaches and theories to environmental sustainability engagement are structured within an assumed linear sense of time which perpetuates the colonial project (p. 290). Juxtaposed, the Maori approach mandates kaitiakitanga, which carries an absolute duty to care for the environment conceived in whakapapa (genealogy). (Harmsworth & Awatere, 2013; Henry & Pene, 2001; Kawharu, 2000; McNeill, 2017; Walker, 2004;).

The ātua (gods are the progenitors of all life. Ranginui (Sky father) and Papatūānuku (Earth mother) are the primeval ancestors and we, Māori are their descendants. This whakapapa (kinship) relationship sets the parameters of the interaction between people and the natural world. As such Māori are descendants of the gods and kaitiakitanga reinforces this genealogical relationship. This leads to enhancing a sense of well-being and sense of connection to nature. (Walker et al., 2019). The essence of kaitiakitanga is captured in the whakatauki (proverb) “Ko au ko te taiao, ko te taiao ko au: I am the environment, and the environment is me” (Rangiwai, 2018, p.638).

Selby et al. (2010) are critical of the lack of attention to wairuatanga (spirituality) in environmental forums. For Māori, and especially in matters associated with death, which is considered highly tapu (sacred) wairuatanga is a crucial to maintaining cultural safety. Walker et al. (2019) maintain that wairuatanga and kaitiakitanga are integral to maintaining mauri (life-force). Mauri in death is referred to as mauri mate. Rereata Makiha maintains that “...it (mauri) can only be activated in connection with the environment” (Te Wai Māori, 2020). The traditional imperatives of the study are critical to revitalising ancient traditions such as urupā tautaiāo. Globally, new innovations are being developed to facilitate natural burials, such as the Italian designed burial capsules (Bretzel & Citelli 2018; Rashmi et al., 2015).

## Digitalisation and Death

Internationally, young people, adept at managing internet platforms have created spaces predominately social media apps to commemorate the dead (Coombs, 2014; Nansen et al., 2021). Indigenous people will make decisions about new technologies that are culturally compatible and enhances our relationship with the environment. According to Keegan and Sciascia (2018), Māori interaction in social media is changing the digital landscape. In this moment our rangatahi are leading the way in developing and navigating new online communication tools. The development of a urupā tautaiāo natural burial site, refurbishing existing graves in a tribal urupā, showcases young people using social networks.

Traditionally, Māori favour kanohi ki te kanohi (face to face) social interaction. However, while technology has been mainly the prerogative of youth, there has been a noticeable uptake of pākeke (older generation) using social media. The way non-indigenous youth use platforms to commemorate their dead is meaningful. These platforms provide a space for young people create virtual flowers and texts, react, share, and in a multitude of ways gestures of support and remembrance (Nansen et al. 2021). These sites are culturally appropriate for non-indigenous people because they are provide support during challenging times.

For Māori, the proliferation of tribal websites, social media networking social networking sites, and online platforms is indicative of the popularity of digital technology. According to Keegan and Sciascia (2018), rangatahi and kaumatua (elders) interacting on social media interactive platforms, is reflective of broader Māori kinship social engagement. This intergeneration interaction contrasts with non-indigenous social networking online platforms online which are generally commandeered by the young. Arguably, non-indigenous models frame intergenerational relationships as antagonistic and competitive (Nairn, et al., 2021; Stewart-Harawira, 2005).

Conversely, Keegan and Sciascia (2018) maintain that Māori kaumatua and rangatahi online interactivity shows that even in the modern world intergenerational relationships are valued. Tribal social media tangihanga (traditional funeral) are intergenerational. They inform the tribe of the death of a member, tangihanga details as well as other death related messages of condolence and hura kōhatu (unveilings) notifications.

### Tribal knowledge

For indigenous people igniting the special relationships between the young is cultural collateral. MacKay et al. (2020) recounted elders advocating imparting ancient tribal knowledge as a vehicle to decolonising young minds. "... the learning of younger peoples as a renewal of what had been removed through colonisation, by nurturing the growing sense of connection to community and knowledge of that land" (p.7). The findings from the research to date clearly evidence rangatahi interest in past beliefs and customs to progress urupā tautaiāo. Surprisingly most were already aware of pre-European and early-contact death and burial customs. The breadth of knowledge that the rangatahi interviewed held was an unforeseen outcome.

It directly contrasts the supposition which McNeill (2022a) LINK presentation notes as the assumption "...that with the separation and removal of the land also went the knowledge and practices woven within and laying over pre-contact tribal territories". McNeill et al. (2022b), McNeill(2022a) and the findings of this research project identify that ancient Māori tribal knowledge surrounding death practices endured, although fragmented. It has remained dormant and hidden within the intergenerational tribal members themselves.



It is apparent from the literature and research interviews that Māori death and burial practices were varied (McNeill, 2022a; McNeill et al. 2022b; Sullivan, 2013; Voykovic, 1981). Accelerating decomposition was achieved by placing the tupāpāku (corpse) on, “Elevated sheltered platforms within caves, swamps, shallow graves and sand graves were all temporary environments” (Voykovic, 1981, p. 61). McNeill (2022a) presentation highlights the different utilisation of trees within ancient death practices. Particularly referencing Taketakerau, as seen in Figure 1. Where Ūpokorehe (sub-tribe of the larger tribe Whakatōhea) kōiwi (bones) were placed pre and early contact within the hollowed base of the tree itself.



*Figure 1.* Traditional Burial Tree Taketakerau used in pre and early contact to inter the dead of Ūpokorehe hapū of the Whakatōhea tribe. © Marcos Mortensen Steagall (2022), used with permission



Sullivan (2013) describes the practice where the corpse would be hung in a tree, “allowing the soft tissue to fall to the ground due to gravity (p.70). McNeill (2022a) findings also demonstrate a similar practice being employed by Ngāti Moko. Where the corpse was suspended within particular trees until the flesh fall away. Yet her findings further revealed that following this process the bones were then to be interred into secret sacred spaces, such as caves.

Rangatahi have also been actively engage in the development of the revitalised urupā (cemetery) development. The urupā is not a direct research output<sup>1</sup> for this study, their aforementioned social media activity and Figure 2 evidences their high level of engagement.



*Figure 2.* Urupā tautaiāo site development working bee. Rangatahi (youth) working on establishing an urupā tautaiāo site in a traditional tribal burial ground. Co-author H. McNeill's personal collection, (2022).

What was really interesting from the rangatahi interviews was their acceptance of customary ancient practices that most would find confronting. Without exception the ten rangatahi interviewed for this project, while a small sample, all embraced the concept of urupā tautaiāo.



## Research Design

Methodologically, a Kaupapa Māori (KM) framework draws on an in-depth understanding of te ao Māori (Māori world) and tikanga (cultural practices) Māori which overarches all aspects of the research project (Smith, 2021). Qualitative in-depth interviews were undertaken with rangatahi (youth) aged between 17 and 24 years from both urban and rural communities. Under the mandate of KM this study also applies qualitative research methods (De Clerck, et al., 2011; Hancock, 1998; Hancock et al., 2001). The qualitative interviews are subject to Māori protocols, including karakia and hospitality. The collation and analysis of the interviews are subject to qualitative techniques, such as thematic analysis (Attride-Stirling, 2001; Braun & Clarke, 2006), to facilitate the processing of interview responses.

This is an attitudinal study: “Attitudes derive from society and are re-worked by individuals as part and parcel of their experiences and as a function of their correspondence with existing social representations” (Himmelweit & Gaskell, 1990 p.41). The focus on rangatahi attitudes is a deliberate strategy to ensure their voices and concerns about the environment are heard. They have demonstrated that their attitudes are not merely theoretical but are translated into action. Evidenced by their involvement environmental activism and practical contribution to the urupā tautaiāo project.

Methodologically, triangulation framed within a Kaupapa Māori (KM) framework overarches all aspects of the research project (Smith, 2021). This paradigm draws on an in-depth understanding of te ao Māori (Māori world) and tikanga Māori (cultural protocols). KM methodology is underpinned with principles and dimensions that are integral to this study: These principles and in particular karakia, are critical elements because of the tapu (sacred) associated with death. Karakia provide cultural safety.

1. karakia (appropriate incantations).
2. mihi (acknowledgements) as the basis of mutual respect
3. tino rangatiratanga. Māori leading the research
4. kanohi ki te kanohi (face to face engagement as the preferred method of engagement)
5. whanaungatanga (relationship building)
6. manaakitanga (hospitality)

## Qualitative Interviews

As a rangatahi wahine Māori (young Māori woman) this insider research, capitalised on personal networks to recruit research participants. Ten participants were recruited in total. The profile includes a mixture of cross-tribal, rural, and urban rangatahi Māori aged between 17-24 years. The process was approved by AUTEK and the interview process compliant with all ethics protocols. This included consenting to being identified in the publications. Interviews were all kano-hi ki te kano-hi (face-to-face) and undertaken within the scheduled 60 minutes.

All participants were asked four open ended questions and were able to add any further comments at the end of the interview.

- 1. He aha au whakaaro e pā ana ki te oranga hekenga iho o Papatūānuku?**  
What do you think of the declining wellbeing of Papatūānuku?
- 2. Ko ngā urupā o neherā he urupā tautaiāo te katoa. I tēnei wā, me pēhea rā te whakahokinga mai o ērā mahi tupāpāku?**  
In ancient times burial practices and spaces were environmentally sustainable. Can we adapt ancient practices for modern living?
- 3. Mehemea ka tautokonigia e koe tēnei kaupapa, he aha pērā ai ngā tūmomo mahi i o tātau marae, hāpori rā nei?**  
If you agree with the urupā tautaiāo concept. What ideas do you have about developing urupā tautaiāo in our communities?
- 4. Nui hoki te utu o ngā tangihanga ne? Iti iho rā te utu o te urupā tautaiāo?**  
Do you agree that tangihanga are expensive? What do think can urupā tautaiāo offer in terms of affordability?
- 5. He kōrero anō au?**  
Is there anything else you want to add?

A full transcription from video recordings and/or audio recording of the interviews will be manually transcribed. The following findings are a snapshot of the discussions that capture their attitudes to the degradation of the environment. The development of urupā tautaiāo is an aspect of a broader agenda to promote kaitiakitanga.

## Wellbeing and the environment

The findings from the interviews contradict the myth that young peoples are disengaged when it comes to the environment (Phillips et al., 2019; Ritchie, 2021). Without exception the participants all commented on the degradation of the environment. In relation to conventional burial practices the consensus was that if conventional tangihanga practices were environmentally harmful they should be changed.

Papatūānuku's well-being is declining, it's all the fumes, the new chemicals, the more modern things. **Maia Hood**

Need to remember that the wider scope of Papatūānuku isn't just the earth itself, it's the entire natural world. What happens is that in damaging the land, we are damaging our food supply, and the land in which we live on. **Kururangi Johnston**

Some went as far as accepting responsibility for the demise inferring that we needed to address our cultural relationship with Papatūānuku:

Us as tangata whenua need to look after it a lot better than what we have been doing. **Braydyn Rangitutia**

It's death and the way we currently bury and remember them is harming Papatūānuku. And our overall human activities inflicted upon Papatūānuku. **Maranga Peita**

Other responses clearly articulated the dilemma that of living in a society that is damaging the environment. The insights into navigating a future that take into consideration our environmental footprint is very insightful.

It's obviously declining, like getting more cars and flash phones. As things have gotten better for us (tangata) things high key gets worse for the whenua. Its ratchet but it's the day and age we live in now. As kaitiaki Māori/iwi we know we need these types of essentials to survive (e.g., power, running water, cars) which still affect the whenua, but we do need it because of the environment we live in. **Piripi Ropitin**

Interestingly, it would be assumed that participants from rural areas would have more in-depth knowledge of Māori burial beliefs and practices. Location did not have any noticeable effect on their knowledge and experiences. In fact, some of the most insightful comments came from urban based participants. Without exception rangatahi participants express deep concern about the abuse of Papatūānuku.

## Conclusion

It is evident from the contextual review of the knowledge that globally young people are engaged and deeply concerned about the degradation of the environment. Empowering Māori youth to understand their role as kaitiaki (custodians) of te taiao (environment) benefits themselves, their communities, and the environment. The findings contribute to a larger study funded by the Marsden Research Council. Hinematau McNeill is the lead investigator of this project. The kaupapa explores decolonisation in the death space is an opportunity for Māori to re-evaluate and reconnect with their ancient customs and practices. The nexus between indigenous epistemology and environmental responsibility inform revitalising ancient burial customs.

Without exception, rangatahi participants expressed deep concerns about the degradation of Papatūānuku (Earth mother) and were enthusiastically supportive of urupā tautaiāo (natural burials). Methodologically, Māori epistemology is basis for the Kaupapa Māori paradigm that frames the entire project. The practice is guided by the observation of tūturu (authentic) Māori beliefs and values. This is critical because of the tapu (sacred) nature of the research. We can therefore conclude that Maori perspectives and Designs focus on a Pluriversal understandings of a different reality that challenges the one-dimensional western colonial thought.

This urupā tautaiāo research lays claim to being a decolonising activity that supports the wellbeing of the people and the land. Despite the devastating impact of colonialism on Māori tribal lifeways, many of the rangatahi involved in the research shared in depth traditional knowledge. The practical application of this knowledge will ultimately inspire Māori communities to commit to a broader environmental sustainability movement agenda.

<sup>1</sup> The urupā development is an outcome for the broader Marsden funded research project of which this study on youth attitudes is a component.

## Referências

### References

- Attride-Stirling, J. (2001). Thematic networks: an analytic tool for qualitative research. *Qualitative Research*, 1(3), 385–405. [https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/146879410100100307?-casa\\_token=iLOFGkqsxilAAAAA:BR63k6QAcu-xVtSHASTghPbjqzGCFS067117UU3ebs\\_Mvp29IsAnhiQb1sxWthgubdfFFPpb0S5](https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/146879410100100307?-casa_token=iLOFGkqsxilAAAAA:BR63k6QAcu-xVtSHASTghPbjqzGCFS067117UU3ebs_Mvp29IsAnhiQb1sxWthgubdfFFPpb0S5)
- Auckland City Council. (2019, August 27). More burial capacity for Waikumete Cemetery. *Auckland Council*. <https://ourauckland.aucklandcouncil.govt.nz/articles/news/2019/08/more-burialhttps://ourauckland.aucklandcouncil.govt.nz/articles/news/2019/08/more-burial-capacity-for-waikumete-cemetery/capacity-for-waikumete-cemetery/>.
- Basmajian, C., & Coutts, C. (2010). Planning for the disposal of the dead. *Journal of the American Planning Association*, 76(3), 305–317. <http://dx.doi.org/10.1080/0194436100379191>
- Biegelsen, A. (2012, November 1). America's Looming Burial Crisis. *Bloomberg*. <http://www.citylab.com/housing/2012/10/americas-looming-burialcrisis/3752/>
- Boret, S. P. (2014). *Japanese Tree Burial: Ecology, Kinship and the Culture of Death*. Routledge.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. <https://biotap.utk.edu/wp-content/uploads/2019/10/Using-thematic-analysis-in-psychology-1.pdf.pdf>
- Bretzel, R., & Citelli, A. (2018). Capsula Mundi: Life Never Stops. *Journal of Soil Science and Plant Health* 2(2), 1-2. [https://www.scitechnol.com/peer-review/capsula-mundi-life-never-stops-g6ez.php?article\\_id=7919](https://www.scitechnol.com/peer-review/capsula-mundi-life-never-stops-g6ez.php?article_id=7919)
- Chiappelli, J., & Chiappelli, T. (2008). Drinking Grandma: The Problem of Embalming. *Journal of Environmental Health*, 71(5), 24–29. <http://www.jstor.org/stable/26327817>
- Coatham, J. (2019, November 12). The young climate activists who broke through to the halls of power. *The Spinoff*. <https://thespinoff.co.nz/politics/12-11-2019/how-a-group-of-young-climate-activists-broke-through-to-the-halls-of-power>
- Coombs, S. (2014). Death wears a T-shirt—listening to young people talk about death. *Mortality*, 19(3), 284-302. [https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13576275.2014.916257?casa\\_token=Ki5r22SH5b4AAAAA:n2k98xkbqcW4cWKZKdGIJ8nLRHLnxbjHlkgxUYieMjxgl\\_vs47mCx3z-4t8amvN6raBkkxibA3pHfdg](https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13576275.2014.916257?casa_token=Ki5r22SH5b4AAAAA:n2k98xkbqcW4cWKZKdGIJ8nLRHLnxbjHlkgxUYieMjxgl_vs47mCx3z-4t8amvN6raBkkxibA3pHfdg)
- Corner, A., Roberts, O., Chiari, S., Völler, S., Mayrhuber, E. S., Mandl, S., & Monson, K. (2015). How do young people engage with climate change? The role of knowledge, values, message framing, and trusted communicators. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 6(5), 523-534. <http://dx.doi.org/10.1002/wcc.353>

De Clerck, H. M., Willems, R., Timmerman, C., & Carling, J. (2011). Instruments and guidelines for qualitative fieldwork. *EUMAGINE Project*. <http://eumagine.org/outputs/PP6B%20Instruments%20and%20guidelines%20for%20qualitative%20fieldwork.pdf>

Green, D., & Raygorodetsky, G. (2010). Indigenous knowledge of a changing climate. *Climatic Change*, 100(2), 239. [https://www.researchgate.net/profile/Gleb-Raygorodetsky/publication/225414449\\_Indigenous\\_knowledge\\_of\\_a\\_changing\\_climate/links/62706baf973bbb29cc5d3450/Indigenous-knowledge-of-a-changing-climate.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Gleb-Raygorodetsky/publication/225414449_Indigenous_knowledge_of_a_changing_climate/links/62706baf973bbb29cc5d3450/Indigenous-knowledge-of-a-changing-climate.pdf)

Guntarik, O., & Daley, L. (2017). Indigenous creative practice research: between convention and creativity. *New Writing*, 14(3), 409-422. <https://doi.org/10.1080/14790726.2017.1290117>

Hancock, B. (1998). An Introduction to Qualitative Research. *Trent Focus*. [http://faculty.cbu.ca/pmacintyre/course\\_pages/MBA603/MBA603\\_files/IntroQualitativeResearch.pdf](http://faculty.cbu.ca/pmacintyre/course_pages/MBA603/MBA603_files/IntroQualitativeResearch.pdf)

Hancock, B., Ockleford, E., & Windridge, K. (2001). *An introduction to qualitative research*. Trent focus group. [https://www.academia.edu/download/54784339/5\\_Introduction-to-qualitative-research-2009.pdf](https://www.academia.edu/download/54784339/5_Introduction-to-qualitative-research-2009.pdf)

Harmsworth, G. R., & Awatere, S. (2013). Indigenous Māori knowledge and perspectives of ecosystems. *Ecosystem services in New Zealand—conditions and trends*. Manaaki Whenua Press, 274-286. [http://www.mwpress.co.nz/\\_data/assets/pdf\\_file/0007/77047/2\\_1\\_Harmsworth.pdf](http://www.mwpress.co.nz/_data/assets/pdf_file/0007/77047/2_1_Harmsworth.pdf)

Henry, E., & Pene, H. (2001). Kaupapa Maori: Locating indigenous ontology, epistemology and methodology in the academy. *Organization*, 8(2), 234-242. [https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1350508401082009?casa\\_token=i1-lgMEmdoAAAAA:VWuE4HGplmP1d6IFg1RE4G-4VyrwP2Upv60GmX5IGfIPT7wTyU0yyBqp5sF8qNPc\\_XmLYcV3J5IRV](https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1350508401082009?casa_token=i1-lgMEmdoAAAAA:VWuE4HGplmP1d6IFg1RE4G-4VyrwP2Upv60GmX5IGfIPT7wTyU0yyBqp5sF8qNPc_XmLYcV3J5IRV)

Himmelweit, H. T., & Gaskell, G. (1990). *Societal psychology*. Sage Publications.

Kawharu, M. (2000). Kaitiakitanga: a Maori anthropological perspective of the Maori socio-environmental ethic of resource management. *The Journal of the Polynesian Society*, 109(4), 349-370. [https://www.jstor.org/stable/pdf/20706951.pdf?casa\\_token=awdfHmYl4CkAAAAA:ICcd8SxT6Rn-juRSXgNaFDJul927zVO\\_0gRFHjq22XzhCl6EmQqr6xKqhA9l0pNno86rZVBccmMW4a48c1COEAuO-NepKF62IbCkKPXvUeOCi2Yz1yo3w](https://www.jstor.org/stable/pdf/20706951.pdf?casa_token=awdfHmYl4CkAAAAA:ICcd8SxT6Rn-juRSXgNaFDJul927zVO_0gRFHjq22XzhCl6EmQqr6xKqhA9l0pNno86rZVBccmMW4a48c1COEAuO-NepKF62IbCkKPXvUeOCi2Yz1yo3w)

Keegan, T. T. A. G., & Sciascia, A. D. (2018). Hangarau me te Māori: Māori and technology. <https://researchcommons.waikato.ac.nz/bitstream/handle/10289/11955/Keegan.pdf?sequence=12>

Keijzer, E. (2017). The environmental impact of activities after life: life cycle assessment of funerals. *The International Journal of Life Cycle Assessment*, 22(5), 715-730. <https://doi.org/10.1007/s11367-016-1183-9>

MacKay, M., Parlee, B., & Sarsgaard, C. (2020). Youth engagement in climate change action: Case study on indigenous youth at COP24. *Sustainability*, 12(16), 1-17. <https://www.mdpi.com/2071-1050/12/16/6299/pdf>

- McKenzie, P. (2020, January 16). Activist boot camps need brown voices. *Newsroom*. <https://www.newsroom.co.nz/activist-boot-camps-need-brown-voices>
- McManus, J. (2015, March 13). The world is running out of burial space. *BBC News*. <https://www.bbc.com/news/uk-31837964>
- McNeill, H. N. (2017). Māori and the natural environment from an occupational justice perspective. *Journal of Occupational Science*, 24(1), 19–28. <https://doi.org/10.1080/14427591.2016.1245158>
- McNeill, H. (2022a). Urupā Tautaiāo: Revitalising ancient customs and practices for the modern world. In M. Mortensen Steagall & Nesteriuk, S. (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 International Conference of Practice, Design and Global South* (pp. 45-48). Auckland University of Technology Library.
- McNeill, H. N., Linda Buckley, H., & Marunui Iki Pouwhare, R. (2022b). Decolonizing Indigenous Burial Practices in Aotearoa, New Zealand: A Tribal Case Study. *OMEGA-Journal of Death and Dying*, 0(0), 1-15. <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/00302228211070153>
- Mersinoglu, Y. C. (2020, August 28). Green teen memes: How TikTok could save the planet. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/environment/2020/aug/28/green-teen-memes-how-tiktok-could-save-the-planet-aoe>
- Milroy, S. (2014). *Urupa reservations*. [Māori land court publication] Judge's Corner. <https://www.justice.govt.nz/assets/Documents/Publications/MLC-2014-Mar-Judgeshttps://www.justice.govt.nz/assets/Documents/Publications/MLC-2014-Mar-Judges-Corner-Milroy-J.pdf>
- Nairn, K., Kidman, J., Matthews, K. R., Showden, C. R., & Parker, A. (2021). Living in and out of time: Youth-led activism in Aotearoa New Zealand. *Time & Society*, 30(2), 247-269. [https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0961463X21989858?casa\\_token=a6wcYibMX-QAAAAA:C0HYSYoF-qc1biTkiYTsHdngezXZ7Lf9SOULMSJp5MNYde82wTLkpx5KAN2BMOvE7OSxc7T1WoAzDQg](https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0961463X21989858?casa_token=a6wcYibMX-QAAAAA:C0HYSYoF-qc1biTkiYTsHdngezXZ7Lf9SOULMSJp5MNYde82wTLkpx5KAN2BMOvE7OSxc7T1WoAzDQg)
- Nansen, B., Gould, H., Arnold, M., & Gibbs, M. (2021). Media, mortality and necro-technologies: Eulogies for dead media. *Sage*. [https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/14614448211027959?casa\\_token=KLwN9GFz97gAAAAA:TZiqAAItsnNgA3-F5KquDfE3PyRLqVGib-ZXJegQQ0B\\_EaSbpz-fa5pqNR9LYtHQKQOz0HzN7UM-r0g](https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/14614448211027959?casa_token=KLwN9GFz97gAAAAA:TZiqAAItsnNgA3-F5KquDfE3PyRLqVGib-ZXJegQQ0B_EaSbpz-fa5pqNR9LYtHQKQOz0HzN7UM-r0g)
- Niall, T. (2020, March 9). Climate Change: Young and diverse voices seize debate in Auckland. *Stuff*. <https://www.stuff.co.nz/auckland/119617262/climate-change-young-and-diverse-voices-seize-debate-in-auckland>
- O'Brien, K., Selboe, E., & Hayward, B. M. (2018). Exploring youth activism on climate change. *Ecology and Society*, 23(3), 1-14. <https://www.jstor.org/stable/26799169>
- Phillips, L. G., Ritchie, J., & Perales, F. (2019). Surveying support for child and youth political participation in Australia and New Zealand. *Citizenship Studies*, 23(5), 460-485. <https://doi.org/10.1080/13621025.2019.1620687>



- Rangiwai, B. (2018). Ko au ko te taiao, ko te taiao ko au—I am the environment and the environment is me: A Māori theology of the environment. *Te Kaharoa*, 11(1), 638-652. <https://ojs.aut.ac.nz/te-kaharoa/index.php/tekaharoa/article/download/241/221>
- Rashmi, A. S., Namratha, V., and Sahithi, P. (2015). Capsula mundi: an organic burial pod. *European Journal Advanced Engineering Technology*. 2(8), 49–53. <https://ejaet.com/PDF/2-8/EJAET-2-8-49-53.pdf>
- Ritchie, J. (2021). Movement from the margins to global recognition: climate change activism by young people and in particular indigenous youth. *International Studies in Sociology of Education*, 30(1-2), 53-72. <https://doi.org/10.1080/09620214.2020.1854830>
- Selby, R., Moore, P., & Mulholland, M. (2010). *Māori and the environment: Kaitiaki. Huia*.
- Smith, L. (2021). *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples*. (3rd ed.). Zed Books. (Original Work published 1999).
- Stewart-Harawira, M. (2005). *The new imperial order: Indigenous responses to globalization*. Zed Books.
- Stowe, J. P., Schmidt, E. V., & Green, D. (2001). Toxic burials: The final insult. *Conservation Biology*, 15(6), 1817–1819. <https://doi.org/10.1046/j.1523https://doi.org/10.1046/j.1523-1739.2001.00348.x1739.2001.00348.x>
- Sullivan, C. L. T. (2013). *Te Okiokinga Mutunga Kore-The Eternal Rest: Investigating Māori Attitudes towards Death* [Doctoral dissertation, University of Otago]. University of Otago Archives. <https://ourarchive.otago.ac.nz/bitstream/handle/10523/4056/SullivanCourtneyLT2013MA.pdf?sequence=1>
- Sutherland, M., & Lal, S. (2020, February 5). What Pākehā call climate activism is survival for indigenous people. *Stuff*. <https://www.stuff.co.nz/environment/119751558/what-pakeha-call-climate-activism-is-survival-for-indigenous-people>
- Taft, J. (2011). *Rebel girls: youth activism and social change across the Americas*. NYU Press.
- Tahana, J. (2019, December 11). COP25: Calls for indigenous voices to be heard. *Radio New Zealand*. <https://www.rnz.co.nz/international/pacific-news/405257/cop25-calls-for-indigenous-voices-to-be-heard>
- Te Wai Māori. (2020, May 4). *Rereata Makiha – Maramataka and the science of living by the moon* [Video]. Youtube. [https://www.youtube.com/watch?v=R4MTE7E3R\\_Q&ab\\_channel=TeWaiM%C4%81ori](https://www.youtube.com/watch?v=R4MTE7E3R_Q&ab_channel=TeWaiM%C4%81ori)

Voykovic, A. A. (1981). *Nga roimata o Hine-nui-te-Po: death in Māori life* (Doctoral dissertation, University of Otago).

Walker, R. (2004). *Ka Whaiwhai Tonu Matou Struggle Without End*. Penguin Books. (Original work published 1990)

Walker, E. T., Wehi, P. M., Nelson, N. J., Beggs, J. R., & Whaanga, H. (2019). Kaitiakitanga, place and the urban restoration agenda. *New Zealand Journal of Ecology*, 43(3), 1-8. [https://www.jstor.org/stable/pdf/26841824.pdf?casa\\_token=REXXQvgcpLMAAAA:-wGnNviUVgTUGAjqLXGxhFYvG2P-FYATPjWblVoL7OJ1fv9KLo1XP9rFKqW5AZPZetGcGQQTzl2Hwqniyisucto6TM4ef\\_vcPVfJPDh9BX-ysPXAV4U92](https://www.jstor.org/stable/pdf/26841824.pdf?casa_token=REXXQvgcpLMAAAA:-wGnNviUVgTUGAjqLXGxhFYvG2P-FYATPjWblVoL7OJ1fv9KLo1XP9rFKqW5AZPZetGcGQQTzl2Hwqniyisucto6TM4ef_vcPVfJPDh9BX-ysPXAV4U92)

Winter, C. J. (2020). Does time colonise intergenerational environmental justice theory?. *Environmental Politics*, 29(2), 278-296. <https://doi.org/10.1080/09644016.2019.1569745>